



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Curso de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane

MASSINGIR E A “REVOLUÇÃO DO GADO” (PROVÍNCIA DE GAZA, MOÇAMBIQUE): A TRANSIÇÃO DO I AO II MILÉNIO AD

Autora: Sara Faro Nhazilo

Supervisora: Profa. Doutora Solange Laura Macamo

Maputo, Outubro de 2021

Massingir e a "revolução do gado" (Província de Gaza, Moçambique): A transição do I ao II milénio AD


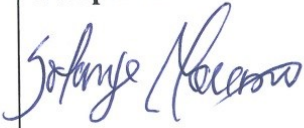
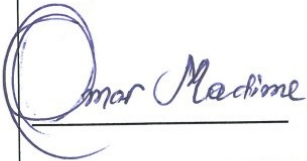
Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane

Por: Sara Faro Nhazilo

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

| | | | |
|---|---|--|-------------------------------|
| O Júri: | | | Data: _ / _ / _ |
| O Presidente:  | O Supervisor:  | O Oponente:  | |

Índice

| | |
|---|-----|
| DECLARAÇÃO..... | I |
| DEDICATÓRIA..... | II |
| AGRADECIMENTOS | III |
| ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS..... | V |
| LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS | VI |
| RESUMO | VII |
| 1. Introdução..... | 1 |
| 1.1. Formulação do Problema..... | 1 |
| 1.2. Objectivos..... | 3 |
| 1.2.1. Geral..... | 3 |
| 1.2.2. Específicos..... | 3 |
| 1.3. Justificativa..... | 4 |
| 1.4. Metodologia..... | 4 |
| 1.5. Estrutura do Trabalho: | 5 |
| CAPÍTULO I- QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL..... | 5 |
| CAPÍTULO II. REVISÃO DA LITERATURA | 9 |
| 2.1. O processo da transição do I ao II milénio na África Austral e Oriental | 9 |
| 2.2. Breve historial sobre as pesquisas na estação arqueológica de Massingir..... | 11 |
| 2.2.1. Período colonial..... | 11 |
| 2.2.2. Período pós-colonial | 12 |
| CAPÍTULO III. O CONTEXTO FÍSICO-GEOGRÁFICO NO QUAL ESTÁ INSERIDO A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MASSINGIR..... | 13 |
| 3.1. Localização geográfica de Massingir..... | 13 |
| 4.2. Condições Climáticas, Hidrografia e Solos..... | 14 |
| 4.3. Vegetação | 14 |
| CAPÍTULO IV - CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS EVIDÊNCIAS QUE MARCAM O PERÍODO DE TRANSIÇÃO DO I AO II MILÉNIO AD | 14 |
| 4.1. Descrição das estações arqueológicas de Massingir | 15 |

| | |
|---|-----------|
| Estações 1/72 e 2/75..... | 15 |
| Estação 4/75 | 15 |
| Moguro | 16 |
| Marenguele..... | 16 |
| Chinhangane | 17 |
| Nhancherwane | 18 |
| 4.2. Evidências arqueológicas da Transição do I ao II milénio AD | 21 |
| 4.2.1. Cerâmica..... | 21 |
| 4.2.2. Criação de gado | 22 |
| 4.2.3. Missangas | 22 |
| 4.2.4. Conchas marinhas..... | 23 |
| CAPÍTULO V. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO TRABALHO REALIZADO NO CAMPO SOBRE O PAPEL DO GADO NA SOCIEDADE..... | 24 |
| 5.1. O papel do gado na sociedade..... | 24 |
| 5.1.1. O papel sócio-económico e político..... | 24 |
| 5.1.2. O papel sócio-cultural..... | 27 |
| 5.1.3. Reconstituição do gado bovino..... | 28 |
| 5.2. Significado e funcionalidade de algumas partes do bovino | 31 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 32 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 34 |
| Anexos | 37 |

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico e que a mesma é resultado da minha investigação pessoal, estando devidamente indicadas, ao longo do texto, as respectivas fontes bibliográficas usadas para a sua efectivação.

DEDICATÓRIA

"Estou feliz, posso morrer a vontade, consegui formar os meus filhos, quem não se formou é porque não quis. Porém, todos tiveram a mesma educação" (Meu pai, Faro Nhazilo, que as flores lhe abracem e que a terra lhe seja leve).

À minha mãe, Angélica Mahumane (*In memoriam*).

Às minhas filhas, Carmen e Mayira.

Ao Rafael Manuel Soto

Dedico, igualmente, este trabalho ao meu cunhado, Victorino Marcos Nhantumbo (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Faro Fernanando Nhazilo, Angélica Samuel Mahumane (*In memoriam*) e Flora Fabião Mulate por terem me trazido ao mundo e pela educação por eles transmitida. Agradeço igualmente à toda família Nhazilo em especial, aos meus irmãos: Maussane Nhazilo, Tiago Nhazilo e sua esposa Tomásia Mataruca, Manuel Nhazilo e sua esposa Manuela Simba, David Anésio Nhazilo, Cacilda Nhazilo, Laty Nhazilo, Carla Nhazilo, Célia Nhazilo, Muthetho Nhazilo, Hercílio Nhazilo e Camita Nhazilo, pelo apoio material e emocional durante a minha formação.

À minha supervisora, Professora Doutora Solange Laura Macamo, pela supervisão, paciência, pelos seus magníficos ensinamentos, pela experiência partilhada e dedicação durante a realização do meu trabalho. Ao corpo docente do DAA, Prof. Doutor Hilário Madiquida, Dra. Kátia Filipe, saudoso Prof. Doutor Leonardo Adamowicz (que a sua alma descanse em paz), Dr. Décio Muianga, dra. Marta Langa, Prof. Doutor Mussa Raja, Dr.Omar Madime, dr. Cézár Mahumane, dr.Celso Simbine, dr. Chafim Braga, dr. Milton Novela, dr. Hamilton Matsimbe e Dr. Albino Jopela, pela experiência partilhada e pelos seus ensinamentos. Os meus agradecimentos especiais estendem-se para o meu cunhado a quem eu dedico a minha licenciatura em sua homenagem que, para além de cunhado, foi um pai para mim e dedicou a sua vida empenhando-se na minha educação e pelo meu bem estar durante o período que juntos estivemos infelizmente a morte o levou. Ao Rafael Soto, que incansavelmente me apoiou materialmente e moralmente até alcançar o objectivo da minha formação. Aos meus amigos, tanto da Faculdade assim como os de fora da Faculdade, em especial, Luisa Lovane, por ter me apoiado incansavelmente e por ter me dado um prato de comida no momento em que a fome batia a porta e por ter permanecido do meu lado em todos os momentos da minha vida, sem exageros, ela foi e sempre será uma mãe para mim; a Kátia Ernesto, também agradeço, pelos mesmos motivos; Ábia Languana, por ter sido o meu suporte nos momentos de angústia e por muitas vezes ter tomado o lugar de uma mãe. Lembro-me de uma vez que estava com problemas pessoais eu não queria comer e nem estudar e ela olhou para mim e disse: “senhora, vá ao quarto tomar banho, desça para comer e depois pegue na sua monografia e trabalhe nela, ou você esqueceu o motivo que a trouxe aqui? A Margarida Matuce, pelo companheirismo e apoio que ela prestou; a Virgínia Mizime, minha mana, pelo que fez pela minha formação, Sónia Pinto, por estar presente em tudo na minha vida, ao Luís Magasso a quem agradeço por acreditar em

mim.; a Óscar Chissico, por fazer parte do elenco das minhas amizades e também pelo incentivo, principalmente na carreira de modelo e apresentadora de TV, a Vitalina Jairosse, por estar sempre do meu lado, durante a minha formação, sem me esquecer da Patrícia Da Graça Paunde, pelo incentivo;a Ernesto Jr. Maculuve, por todo o apoio prestado , principalmente, pelas palavras incentivadoras,; a Ormélia Massango, pela força, apoio e pelo seu encorajamento. Admiro-a pela sua personalidade e disponibilidade de ajudar a quem precisa no momento de aflição; a Hilário Faque, pela paciência e pelas suas magníficas ideias, apoio e companheirismo e ainda pela amizade. A todos que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para que este sonho se tornasse real.

Khanimambo!

ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AD -Do latim anno Domini; ano do Senhor (n.e nossa era), para designar os anos depois do nascimento de Cristo

AHM- Arquivo Histórico de Moçambique

CENACARTA – Centro Nacional de Cartografia

DAA- Departamento de Arqueologia e Antropologia

IF- Idade do Ferro

IFI-Idade do Ferro Inferior

IFS-Idade do Ferro Superior

MAE- Ministério da Administração Estatal

RSA- República Sul Africana

SAREC- Agência Sueca para a Cooperação Científica

UEM- Universidade Eduardo Mondlane

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Figura 1. Localização da Esatação Arqueológica de Massingir (CENACARTA, 2011) | 13 |
| Figura 2. Mapa da localização das estações arqueológicas de Massingir mencionadas no texto (adaptado de Macamo & Machava 2011)..... | 20 |
| Figura 3. Missangas de ovo de avestruz/conchas (Mapossa 2005)..... | 23 |
| Figura 4. Reconstituição de um bovino, de acordo com o modelo de Thomas Huffman 1996, (Desenho: Hamido Atuia 2021). | 29 |
| | |
| Tabela 1. Estações arqueológicas associadas com o período da transição do I ao II milénio AD (Por: Solange Macamo) | 11 |
| Tabela 2. Cerâmica da estação arqueológica de Moguro (por Macamo e Machava 2011) | 16 |
| Tabela 3. Cerâmica da estação arqueológica de Marrenguele (por Macamo & Machava 2011). .. | 17 |
| Tabela 4. Cerâmica da estação arqueológica de Chinhamgane (por Macamo e Machava 2011). .. | 18 |
| Tabela 5. Cerâmica da estação arqueológica de Nhancherwane (por Macamo e Machava 2011) .. | 19 |
| Tabela 6. Nomenclatura de cada parte que constitui o bovino de acordo com Muthonbene (2021 comunicação pessoal) | 29 |
| Tabela 7. Vocabulário dos termos usados em língua Tsonga..... | 29 |

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito compreender o papel do gado ao que chamamos de “revolução do gado” no processo da transição do I ao II milénio AD, comprovado na estação arqueológica de Massingir, na Província de Gaza, no sul de Moçambique associada com o agrupamento de estações relacionadas. Este período foi caracterizado pela prática da criação de gado em grande escala e pelo desenvolvimento do comércio regional e à longa distância, através do Índico. Estas manifestações permitiram a acumulação de riqueza e o surgimento dos primeiros Centros urbanos em forma de amuralhados na África Austral e Oriental, de que Moçambique é parte integrante.

Os resultados desta pesquisa, foram alcançados através de fontes escritas e orais. As fontes escritas foram relevantes para a reflexão da temática para o assunto em abordagem. Por sua vez, as fontes orais, constituíram a base empírica para a análise do papel desempenhado pelo gado na sociedade Moçambicana. Para o efeito, foram, recolhidos relatos de alguns membros da comunidade do distrito de Mandlhakaze, mais concretamente na localidade de Maphandane.

Com este trabalho perspectiva-se que o conhecimento obtido possa contribuir na discussão em torno do papel do gado e do comércio na transformação social ocorrida na região de Massingir, datada do século X AD, no contexto da transição do I ao II milénio AD na África Austral e Oriental.

Palavras-chave: Comunidades de Agricultores e Pastores; “Revolução gado”; Comércio regional e a longa distância; Transição do I ao II milénio AD; Massingir.

1. Introdução

O presente trabalho insere-se nos estudos sobre as Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique, relacionados com o processo da transição do I ao II milénio AD, evidenciada na estação arqueológica de Massingir datada do século X AD (Duarte 1988). Massingir é tida como uma das estações predecessoras de Mapungubwe localizada na confluência entre os rios Shashi e Limpopo, na África do Sul, considerada, até recentemente, como primeira capital Zimbabwe (Huffman 2021). Ao mesmo tempo, Mapella Hill é apontada como sendo a capital Zimbabwe, anterior a Mapungubwe, sendo localizada a Sudoeste do Zimbabwe.

Massingir é um complexo de estações arqueológicas localizadas no Distrito de Massingir, na Província de Gaza, no Vale dos Elefantes, um afluente do Rio Limpopo, associado às Comunidades de Agricultores e Pastores de Moçambique. Neste conjunto de estações destacam-se as seguintes: 1/72, 2/75, 4/75, *Moguro*, *Chinhangane*, *Nhancherwane* e *Marrenguele*. Estas estações apresentam as mais antigas evidências de criação de gado e do comércio regional e a longa distância, através do Índico, as quais comprovam o desenvolvimento das Comunidades de Agricultores e Pastores nesta região durante a transição do I ao II milénio AD.

O processo de transição do I ao II milénio AD, na África Austral e Oriental deveu-se a dois factores: internos e externos. Os factores internos caracterizam-se pela prática de criação de gado em grande escala. Por sua vez, os factores externos assentam no comércio regional e à longa distância. Este processo envolveu a acumulação de riquezas por parte da elite dirigente e o desenvolvimento dos primeiros centros urbanos em forma de amuralhados, especificamente os da Tradição Zimbabwe. Entretanto, neste trabalho, pretende-se compreender o papel do gado e do comércio para a transição do I ao II milénio AD, usando as evidências da estação arqueológica de Massingir.

1.1. Formulação do Problema

As primeiras escavações extensivas sobre a Idade de Ferro em Moçambique, foram levadas a cabo na região de Massingir, com o estudo de três estações arqueológicas, designadamente: 1/72, 2/75 e 4/75 (Duarte 1976; 1988). Os resultados destes trabalhos são de extrema importância para a compreensão do processo de povoamento do sul de Moçambique e a conseqüente origem dos actuais grupos populacionais do nosso país (Duarte 1988: 60).

“As variações nas características da olaria encontrada nas estações 1/72 e 2/75 em Massingir, sugerem que uma sociedade de criadores de gado e agricultores ali esteve estabelecida por um determinado período, durante o qual ocorreram algumas transformações sob ponto de vista económico e cultural. A estação arqueológica 1/72, datada por volta do ano do 900 d.C. através do C14, apresenta as mais antigas evidências de criação de gado bovino” (Ibid). Este período, marca as primeiras manifestações do início do processo de transição do I ao II milénio AD na região de Massingir (sul de Moçambique), no contexto do desenvolvimento das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores na África Austral e Oriental.

Segundo Macamo (2021), o desenvolvimento das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores, teve como resultado a origem das sociedades complexas e o surgimento do urbanismo caracterizados pela prática de criação do gado em grande escala, do comércio à longa distância e edificação de construções em forma de amuralhados. Em Moçambique, existem dois padrões de urbanização inicial: do interior (*Madzimbabwe*) e da costa (construções Swahili) (Macamo 2009). Em Massingir não foram identificados vestígios de construções em pedra. Todavia, as evidências sobre a criação de gado encontradas na estação arqueológica de Massingir são importantes para a reconstituição dos processos do desenvolvimento das Primeiras Comunidades de Agricultores, no contexto das origens urbanas e da formação dos primeiros Estados Africanos.

De acordo com Macamo & Machava (2011), citando Duarte (1988) na estação 1/72, provavelmente mais antiga que 2/75, aparecem missangas de cobre importadas, evidenciando a existência do comércio regional, possivelmente em *Palaborwa*, região produtora de cobre no interior da África do Sul. No entanto, a ocorrência de missangas de vidro e de conchas marinhas na estação 2/75, mostra a integração posterior desta sociedade no sistema comercial internacional através do oceano Índico (Duarte 1988).

As escavações arqueológicas realizadas em vários locais desde 2006 no Distrito de Massingir, ao longo do Rio dos Elefantes, no sul de Moçambique evidenciaram a ocorrência de cerâmica de diferentes tipologias. Os locais que foram investigados são *Nhancherwane*, *Moguro*, *Chinhangane* e *Marrenguele* (Macamo & Machava 2011).

A tradição cerâmica da Matola, do século II-IV AD (Morais 1988) é aqui usada como o ponto de partida para liderar a discussão dos estudos cerâmicos e da cultura histórica da área. Essa

tradição contribuiu significativamente para compreender o povoamento inicial, principalmente em relação ao surgimento de ferro fundido utilizado pelas Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores (Macamo & Machava 2011: 1).

Por outro lado, das poucas amostras de cerâmica observadas na estação arqueológica de *Chinhangane* foi sugerido provisoriamente que ela representa um exemplo da tradição Matola, do interior. Uma estação próxima, *Marrenguele*, foi originalmente classificada como Tradição *Lydenburg*, que caracteriza a sua expressão posterior na área de Massingir (Morais 1988). No entanto, foi também sugerido que Massingir pudesse ser a face ocidental da Tradição Matola, conforme Sinclair (comunicação pessoal, citado por Macamo 2004). Daí que se coloca a seguinte pergunta de partida:

Até que ponto as evidências de criação de gado e do desenvolvimento do comércio podem contribuir para a compreensão do processo da transição do I ao II milénio AD, na região de Massingir?

1.2. Objectivos

1.2.1. Geral

Compreender o papel da “revolução do gado” e do comércio no processo de transição do I ao II milénio AD, comprovada na estação arqueológica de Massingir

1.2.2. Específicos

- Caracterizar o contexto físico-geográfico no qual está inserida a estação arqueológica de Massingir;
- Descrever as principais evidências arqueológicas que marcam o período de transição do I ao II milénio AD na estação arqueológica de Massingir;
- Explicar o papel do gado na sociedade através de uma construção da base empírica e;
- Explicar os factores internos e externos que contribuíram para a transição do I ao II milénio AD na Estação Arqueológica de Massingir.

1.3. Justificativa

O meu particular interesse por este tema provém essencialmente da minha formação no curso de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural, lecionado na UEM. Desta feita, as aulas foram um enorme incentivo para a escolha do tema, pois as mesmas proporcionaram diversas discussões em torno da problemática relacionada com o processo de transição do I ao II milénio AD, na África Austral e Oriental, como na região de Massingir, no sul de Moçambique.

O trabalho afigura-se relevante pois, ajuda a perceber o papel desempenhado pela estação arqueológica de Massingir no processo da transição do I ao II milénio AD, no contexto da África Austral e Oriental.

Este trabalho é também uma contribuição que visa tentar explicar os factores que influenciaram na transformação sócio-económica e cultural das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores de Moçambique, entre o período do I ao II milénio AD.

1.4. Metodologia

O processo de elaboração deste trabalho compreendeu três etapas, a primeira das quais é referente à pesquisa bibliográfica e documental em alguns acervos bibliográficos da Cidade de Maputo, nomeadamente Biblioteca do DAA/UEM, a Biblioteca Central Brazão Mazula e o Arquivo Histórico de Moçambique(AHM). Nesta etapa, recorreu-se ainda à consulta de alguns artigos disponíveis em plataformas digitais.

A segunda etapa consistiu na recolha de dados no campo. Nesta etapa, efectuaram-se entrevistas aos criadores de gado bovino do Distrito de Manjacaze, na localidade de Maphandane, na Província de Gaza. A entrevista constituiu uma ferramenta importante para a construção da base empírica sobre o papel desempenhado pelo gado na sociedade no passado, no presente e a perspectivação da sua projecção no futuro, assim como as principais transformações que decorreram ao longo do tempo, neste processo.

Na terceira etapa, procedeu-se à elaboração de mapas, gráficos e apresentação dos resultados da pesquisa e considerações finais, em forma da presente monografia que constitui o Trabalho de Culminação de Estudos-TCE.

1.5. Estrutura do Trabalho:

- Introdução
- Capítulo I- Contexto conceptual
- Capítulo II- Revisão da Literatura
- Capítulo III- O contexto físico-geográfico da área de estudo
- Capítulo IV- Caracterização das principais evidências arqueológicas que marcam o período de transição do I ao II milénio AD
- Capítulo V- Apresentação dos resultados das análises realizadas no campo sobre o papel do gado na sociedade
- Considerações Finais

CAPÍTULO I- QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Neste capítulo, são definidos um conjunto de termos abaixo indicados, os quais nos permitem entre outros aspectos, a possibilidade de interpretação de Massingir como uma estação do período de transição do I ao II milénio AD:

Comunidades de Agricultores e Pastores- de um modo geral, as comunidades de agricultores e pastores são definidas como um conjunto de pessoas que se dedicam à prática de agricultura e pastorícia como suas actividades principais para a sua subsistência. Por sua vez, em Arqueologia, trata-se de uma designação dada pelos arqueólogos na África Austral, em substituição da clássica “Idade do Ferro”. Os arqueólogos dividem estas comunidades entre o período inicial (Primeiras comunidades) e tardio. (Macamo 2003: 27).

Cronologicamente, as Comunidades de Agricultores e Pastores são agrupadas em I e II milénio A.D.:

Segundo Macamo (2003, citando Phillipson 1977) o período inicial (0-1000 anos) compreende os primeiros utilizadores do ferro, sendo os agricultores e pastores, como povos falantes de línguas Bantu e seus descendentes imediatos. O surgimento destes agricultores varia de região para região, mas nunca partilharam um estilo de cerâmica comum ao longo da história da África Austral e Oriental. As divisões dentro deste estilo, conhecido como Complexo Chifumbázi - são

frequentemente disputadas. Há, todavia, uma similaridade e relações históricas genéricas que este Complexo representa. Tal consenso não existe para o período tardio (1000-1900 anos) (Ibidem).

Dhaka – É um termo de origem *Nguni* que significa argila dura (Macamo 2003). A sua função é barrear ou maticar soalhos e paredes de certas construções como as palhotas em Moçambique, em especial a casa Shona de arquitectura tradicional. Este termo é vulgarmente utilizado dentro da arquitectura do tipo Zimbabwe (Macamo 2003: 31-32).

Estação Arqueológica – é um local com vestígios ou evidências de ocupação e actividades humanas que ao longo do tempo foram se tornando indispensáveis para a reconstituição do passado da humanidade.

É um conjunto de circunstâncias arqueológicas, que podem ser definidas como um grupo de artefactos, de um ou mais objectos numa dada área. Nesse caso, a estação pode ser vista de forma pragmática, como o local onde o arqueólogo escolheu para trabalhar ou onde foi levado a cabo um trabalho arqueológico (Hall 1996: 12).

Uma estação arqueológica é: “Qualquer local onde se encontrem vestígios evidentes de antigas actividades humanas. Podem ser encontradas estações arqueológicas de superfície (geralmente estações situadas a céu-aberto (ao ar livre)), ao contrário das que se encontram situadas nas grutas ou abrigos rochosos. Caracterizam-se pela distribuição superficial do material ou com estratigrafia (disposição do material por horizontes arqueológicos distintos). As estações situam-se a céu-aberto, em grutas ou abrigos rochosos ou ainda em águas de mares, lagos, etc. (estações submarinhas)” (Macamo 2003:32).

Idade do Ferro – é o período em que o homem começa a experimentar novas técnicas de produção de instrumentos de trabalho, deixando de lado o bronze e o cobre para dedicar-se à metalurgia do ferro.

Na região Austral de África conhece-se grosso modo o período do ferro, no contexto do desenvolvimento tecnológico da idade dos metais (cobre, bronze e ferro). A Idade de Ferro é caracterizada pela utilização maciça de instrumentos fabricados deste metal (Meneses 1989).

Massingir – é um distrito localizado no nordeste da província de Gaza, que desde década 70 foi alvo de várias pesquisas arqueológicas que culminaram com a descobertas de várias estações arqueológicas, o que levou os arqueólogos a designar este local um “complexo arqueológico”. Estas estações arqueológicas encontram-se situadas na bacia do Rio dos Elefantes, afluente do Rio Limpopo (Macamo 2003: 47). Nesta designação há espólios que vão desde a Idade da Pedra Inferior até à Idade do Ferro, que corresponde às Comunidades de Agricultores e Pastores (ibidem), termo usado neste trabalho.

Mapungubwe ou antiga cidade de Mapungubwe (que significa “colina do chacal”) é um sítio arqueológico da Idade do Ferro na província de Limpopo, na fronteira entre África do Sul, Zimbábue e Botsuana, a 75 km de Messina, de acordo com o relato de Apley (2001). Tal como Massingir, os arqueólogos designam Mapungubwe como sendo um complexo de estações da Tradição Zimbabwe (Macamo 2020), cujo núcleo central está numa pequena colina de granito, situada na margem sul do rio Limpopo, na RSA. A população que habitou o local, de acordo com evidências linguísticas, era Shona, Venda e Sotho, de origem Bantu (Fouché 1937 citado por Macamo 2003 : 47). No entanto, não há dúvida que Mapungubwe esteve no centro do desenvolvimento político e econômico muito cedo, na África Austral. Mapungubwe tornou-se proeminente porque a bacia do Rio Limpopo foi a primeira área no interior da África Austral a ser integrada na rede comercial com o Índico, segundo (Hall 1987).

Isto quer dizer também que o Limpopo não só facilitou a revolução do gado, como factor interno para acumulação da riqueza, como também esteve integrado na rede do comércio com o Índico, sendo Massingir exemplo disso, devido às missangas de vidro que foram encontradas, que também estimularam a origem do Estado em Mapungubwe, como factor externo. Portanto, Mapela Hill mesmo sendo a mais antiga estação do que Mapungubwe não retira a sua importância (Macamo 2020, comunicação pessoal).

Missangas - são pequenas contas feitas normalmente de vidro, embora possam ser feitas também de marfim, casca de ovo, de várias cores e por vezes com decorações. Em Moçambique, as missangas de vidro são resultado do comércio à longa distância (da Ásia), sendo encontradas em estações a partir da Idade do Ferro (Meneses 2002:121). No caso de Massingir foram encontradas missangas de cobre, como resultado do comércio regional e de vidro, a partir do comércio a longa distância com o Índico (Duarte 1988).

Olaria – Termo genérico utilizado para designar vasos de cerâmica, constituindo o principal critério para definir as Culturas ou Tradições arqueológicas do Neolítico ou das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores da África Austral (Meneses 1989: 41; Macamo 2003: 56).

Balme & Paterson (2006: 237 citados por Madime 2015: 12), consideram olaria como sendo um termo mais especializado, sob a rubrica de cerâmica, e refere-se a recipientes para preparação, consumo, armazenamento de alimentos e líquido, ou para a armazenagem de outros objectos ou materiais não consumíveis.

Revolução do Gado

Hall (1987) define “Revolução do Gado” como sendo a criação de gado em grande escala, que possibilitou que algumas pessoas acumulassem riqueza, permitindo assim, o surgimento dos primeiros Estados Africanos tais como: Mapungubwe, Zimbabwe, Mutapa e Towra. Contudo, o gado, por si, não foi suficiente para o surgimento dos primeiros Estados. Foi necessário o comércio a longa distância, para que tal acontecesse, por ter favorecido a acumulação de bens de prestígio apropriados por uma elite, dentro da sociedade (Costa 1980; Hall 1987).

Tradição - “ É entendida como sendo o hábito transmitido de pais para filhos. Nesse sentido, hábitos de manufactura e decoração de utensílios, evidentes em achados arqueológicos. Estes hábitos são especialmente evidentes na forma e decoração dos recipientes de cerâmica que por essa razão se tornam especialmente úteis no que respeita à identificação dessas Tradições, sua distribuição no espaço e no tempo Duarte” (1988).

No entender de Meneses (2002: 182) “Tradição é um *continuum* de mudanças culturais graduais através do tempo, representando o desenvolvimento sequencial de uma dada cultura numa determinada região. Segundo opinião de certos investigadores, trata-se de um grupo de indústrias cujas similaridades a nível dos artefactos produzidos são suficientes para sugerir que eles pertenceram a um bloco histórico-cultural mais lato, com práticas e ideias tecnológicas próprias”.

A visão de Silva & Silva (2006), sobre o conceito de tradição vai ao encontro da visão de Duarte (1988), ao definirem-no, como sendo uma doutrina ou prática que se transmite de geração para geração. Este sentido se expandiu, significando elementos culturais presentes nas artes, nos costumes, no dia-a-dia e no saber fazer, como sejam herança do passado (-Silva e Silva 2006).

CAPÍTULO II. REVISÃO DA LITERATURA

No presente capítulo são apresentadas diversas abordagens que versam em torno da temática relacionada com o processo da transição do I ao II milénio AD na África Austral, tendo no centro da atenção a estação arqueológica de Massingir, no sul de Moçambique.

2.1. O processo da transição do I ao II milénio na África Austral e Oriental

A data de transição da Idade de Ferro Inferior para a Idade de Ferro Superior (IFI-IFS) na África Austral e Oriental varia de 700-1400 AD. Os materiais arqueológicos encontrados nestas regiões testemunharam que as gerações que vieram depois dos primeiros agricultores da África Austral e Oriental tiveram algumas cabeças de gado, sendo que, nas regiões de florestas havia poucas possibilidades de pastar gado devido à mosca *tsé-tse* (Hall 1987 citado por Macamo 2009:49; Macamo 1995:1).

O I milénio AD foi caracterizado pelo movimento de dispersão dos povos falantes da língua Bantu e seus descendentes imediatos conhecidos como Comunidades utilizadoras do ferro. As evidências arqueológicas encontradas na África Austral e oriental, demonstraram com muita exactidão que uma comunidade praticante de agricultura e pastorícia (das chamadas Primeiras Comunidades de Agricultores Pastores), estiveram fixadas naquele local durante o ano 50 a. C (Beach 1980 citado por Macamo 2004 :2).

O II milénio, foi caracterizado pela prática da pastorícia que possibilitou a acumulação de riquezas por parte de um número limitado das pessoas no seio da comunidade. Nas estações arqueológicas de Massingir 2/72 e 1/75, sendo que a última é datada do ano 900 AD, foram encontrados vestígios que testemunham a existência da mais antiga prática de criação do gado em Moçambique (Ibidem : 3).

Ainda de acordo com Macamo (2009), no I milénio, as comunidades acima mencionadas viviam nas proximidades dos vales, tinham pouco gado e praticavam pouco comércio. No II milénio, começaram a habitar nas zonas altas, com a prática da criação de gado nas zonas baixas, o que lhes permitiu a acumulação de muitas cabeças de gado e o enriquecimento, mas de um grupo reduzido de famílias que se tornam poderosas (Macamo, comunicação pessoal, em 2021). Nestas circunstâncias, a criação de gado torna-se uma actividade decisiva, para as Comunidades de Agricultores e Pastores, assim como, o desenvolvimento do comércio regional.

Durante o primeiro milénio AD, com a abertura dos campos, o gado domesticado começa a jogar um papel muito importante na economia. Com efeito, a prática de criar e de guardar o gado possibilitou que algumas pessoas acumulassem riquezas e adquirir poder o que permitiu o surgimento dos primeiros Centros urbanos e estados africanos, com origens prováveis em Mapela Hill (Chirikure *et al.* 2014) nomeadamente: Mapungubwe, Zimbabwe, Mutapa e Torwa (Ibidem). Contudo, mesmo que o gado tenha sido a chave para alguns chefes locais e de famílias acumularem a riqueza e adquirirem poder sobre as terras de outras pessoas, os seus subordinados tinham o direito de abandonar os campos de pastagem como forma de sancionar uma autoridade central (Macamo 1995: 1 citando Hall 1988).

Entretanto, o período da transição entre o I ao II milénio AD, foi marcado pelo movimento migratório das populações, pela prática de agricultura, comércio regional e a criação de gado em grande escala, o que Martin Hall chamou de “Revolução do Gado” (Macamo 2009:31 citando Martin Hall 1987). A “Revolução Gado” conforme relata Macamo (2009), no seu Manual sobre a *Pré-História de Moçambique*, teve a sua origem em Mapungubwe, considerada a primeira capital do Zimbabwe a sul do Limpopo, na África do Sul. Sendo que, as estações predecessoras de Mapungubwe apresentam uma economia baseada na criação de gado e no comércio a longa distância.

Das estações acima referidas citam-se: Schroda, Pont Drift e Massingir que recebiam produtos exóticos como missangas e louça vidrada, da costa em troca de peles de animais, produtos inacabados de ferro, cobre e marfim (Hall 1987; Tabela 1). Importa, aqui, referir que, os intermediários da costa usavam os portos de Kilwa, na Tanzânia, e também de Chibuene, em Moçambique, para o escoamento dos seus produtos (Ibidem).

Nesse sentido, as fontes materiais encontradas evidenciam que a actividade dos pastores se expandiu por quase toda região, através da absorção de mais terras de pastagem, conforme Macamo (1995), no seu artigo: *Os Antigos Povoamentos da Idade de Ferro Superior, no Planalto do Rio Limpopo e Shashi: Mapungubwe e Totswe*.

Segundo Duarte (1988) e Plug (1987) citados por Mapossa 2007:16), em Moçambique, o gado bovino só aparece nos finais do primeiro milénio AD (ano 900 AD), na região do Limpopo,

mais concretamente em Massingir por esta apresentar excelentes condições para o desenvolvimento das pastagens.

A olaria da tradição TIW (Triangular Incised Ware), datada do século 0-X (Macamo 2003) foi identificada na região costeira de Moçambique nas estações arqueológicas do Centro, Norte e Sul, tais como: Hola-Hola (no Centro de Moçambique), Nampula e Cabo-Delgado (Norte de Moçambique), Chibuene, Ponta Dundo (Sul de Moçambique). Ela marca o período de transição da IFI para IFS (Macamo 2009: 89). Pela sua datação, acredita-se que a tradição TIW pode ter derivado de Kwale-Matola, uma vez que, o respectivo material cerâmico encontra-se por cima desta, conforme os resultados dos trabalhos arqueológicos efectuados por Anneli Ekblom na estação costeira de Chibuene (Ekblom 2004).

Tabela 1. Estações arqueológicas associadas com o período da transição do I ao II milénio AD (Por: Solange Macamo)

| Estações Costeiras | Localização |
|---------------------------|---------------|
| Matola (Séc. I-IV AD) | Moçambique |
| Chibuene (Séc. VIII AD) | Moçambique |
| Kilwa (Séc. VIII-IX AD) | Tanzania |
| Estações do Interior | |
| Massingir (900 AD) | Moçambique |
| Pont Drift (800-1.100 AD) | África do Sul |
| Shroda (Séc. IX AD) | África do Sul |

2.2. Breve historial sobre as pesquisas na estação arqueológica de Massingir

2.2.1. Período colonial

Os estudos das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores do I milénio AD. em Moçambique foram realizados por Duarte em Massingir na década dos anos 70, no âmbito da Arqueologia de Salvaguarda e estiveram sob a orientação de Soares de Carvalho (Duarte 1988). Os resultados destes trabalhos publicados em 1976, permitiram compreender os padrões de

assentamentos no Sul de Moçambique durante a pré-história e as origens dos grupos étnicos contemporâneos (Ibidem: 60).

Os referidos trabalhos tiveram como consequência, a descoberta de três (3) estações arqueológicas, tais como: 1/72, 2/75 e 4/75 que resultaram na descoberta das evidências da Idade de Ferro, ou seja, das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique (Duarte 1976).

Foi na mesma década (70), que se deu início às primeiras investigações metódicas e extensas sobre as Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique.

2.2.2. Período pós-colonial

Neste período, os trabalhos em Massingir prosseguiram com o financiamento da SAREC (Agência Sueca para a Cooperação Científica) (Duarte 1988: 60-63; Morais 1988).

Mais tarde, na década de 2000, concretamente nos anos 2006-2008, no âmbito do projecto da Rede de Arqueologia Africana (A.A.N.), financiada pela Agência Sueca SIDA-SAREC, Macamo (2006), identificou mais estações arqueológicas em Massingir: *Moguro, Marrenguele, Chinhangane e Nhancherwane*. O propósito da sua investigação era dar continuidade aos trabalhos anteriores iniciados por Ricardo T. Duarte, assim como fornecer formação em pesquisas arqueológicas de campo aos estudantes do curso de História da Universidade Eduardo Mondlane (Macamo 2006).

Este trabalho foi dividido em quatro fases:

- A primeira fase foi iniciada em Janeiro de 2006, com o objectivo de fazer um levantamento arqueológico;
- A segunda fase, realizada em Junho de 2006, consistiu na realização de uma pequena escavação em Marrenguele e Chinhangane e;
- A terceira fase, realizada em Julho de 2006, consistiu na realização de prospecções e escavação de trincheiras nos mesmos locais.
- A quarta fase, de 2008 congregou mais arqueólogos e outros especialistas para o aprofundamento das pesquisas arqueológicas, no âmbito da formação dos estudantes

em práticas arqueológicas de campo, designadamente Benedito Machava e Joaquim Mapossa.

CAPÍTULO III. O CONTEXTO FÍSICO-GEOGRÁFICO NO QUAL ESTÁ INSERIDO A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MASSINGIR

O capítulo corrente, descreve resumidamente os aspectos que caracterizam sob o ponto de vista físico-geográfico a área do estudo, a partir dos quais é possível perceber o contexto ambiental no qual está inserida a estação arqueológica de Massingir.

3.1. Localização geográfica de Massingir

O Distrito de Massingir localiza-se geograficamente, a Noroeste da Província de Gaza e faz limite ao Norte com o Distrito de Chicualacuala, ao sul com o Distrito de Magude, na Província de Maputo, a Este com os Distritos de Mabalane e Chókwè e ao Oeste com a República de África do Sul. Liga-se com a capital da província e o resto dos Distritos através da estrada asfaltada ER 445 concretamente no rio dos Elefantes, no afluente do rio Limpopo, onde se localizam as estações arqueológicas em referência (MAE 2005:2-3; Fig. 1).



Figura 1. Localização da Estação Arqueológica de Massingir (CENACARTA, 2011)

4.2. Condições Climáticas, Hidrografia e Solos

O Distrito de Massingir é caracterizado por um clima tropical seco, com temperatura média anual que varia entre 24- 26°C. Devido à sua localização, a região é susceptível à calamidades ao longo das margens do Rio dos Elefantes que se caracterizam pela ocorrência de inundações nas baixas, assim como pelas secas e vendavais em todo o distrito. Os níveis de precipitação estão distribuídos irregularmente entre os meses de Novembro a Março, sendo que o volume da precipitações anual varia entre 400mm a 600mm (Ibidem).

Quanto aos solos, são predominantemente secos e arenosos, encontrando-se também estratos de solos hidromórficos sob a influência dos rios de Elefantes e Mazimulhe (Ministério da Administração Estatal 2005: 2).

4.3. Vegetação

Segundo as análises feitas por Macamo & Risberg (2007), Massingir apresenta uma vegetação de savana mudando para estepe, com mopane (*Colophospermum mopane*), sendo a árvore mais dominante. Este ambiente é adequado para a criação de gado em grande escala, uma actividade que provavelmente remonta ao período de transição das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores para do I milénio para o II milénio AD.

CAPÍTULO IV - CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS EVIDÊNCIAS QUE MARCAM O PERÍODO DE TRANSIÇÃO DO I AO II MILÉNIO AD

O presente capítulo divide-se em duas partes. A primeira parte descreve as estações arqueológicas representativas do período da transição do I ao II milénio AD, com base nas campanhas arqueológicas realizadas no Distrito de Massingir por Ricardo T. Duarte e posteriormente por Solange Macamo (Ver Fig. 2). A segunda parte detalha as evidências arqueológicas relacionadas com o mesmo período. Por fim é apresentada uma breve discussão.

4.1. Descrição das estações arqueológicas de Massingir

Estações 1/72 e 2/75

Nas estações (1/72 e 2/75), o solo é argiloso, devido à sua proximidade ao rio, e é evidente o arrastamento dos vestígios arqueológicos. A estação 1/72 é segundo as fontes, relatada como sendo a que apresenta as mais antigas evidências de criação de gado bovino em Moçambique (Duarte 1988: 61). Nesta estação arqueológica, ocorre a presença de missangas de cobre importadas evidenciando a existência de comércio regional, presumivelmente com Palaborwa, no interior da RSA. (Duarte 1976: 2-3).

Na estação arqueológica 2/75, há ocorrência de missangas de vidro e conchas marinhas, que testemunham a integração posterior desta sociedade no sistema comercial internacional através do Oceano Índico. Foi ainda, descoberta uma série de cascas de ovos de avestruz e instrumentos líticos de fabrico local (Morais 1987; Duarte 1988: 61).

Em ambas estações arqueológicas (1/72 e 2/75), segundo (Duarte 1975 e Morais 1987) há uma dispersão de vestígios de *dhaka* resultante de restos de estruturas, assim como um depósito de argila aluvial (matope), que no entender dos arqueólogos acima citados, é bastante favorável para a prática de agricultura. Até ao momento em que decorreu a investigação, as estações eram usadas pelas comunidades locais para o cultivo de várias culturas para a sua subsistência (Duarte 1975 e Morais 1987).

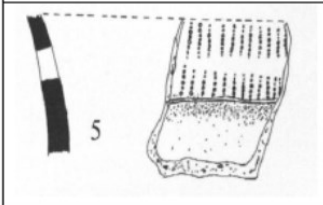
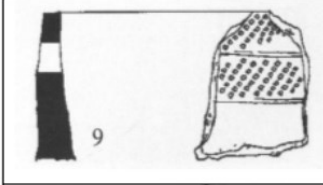
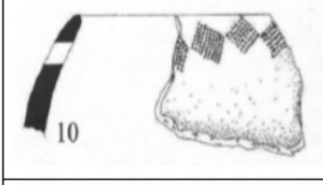
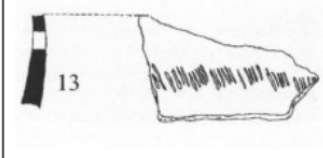
Estação 4/75

No local onde se localizada a estação (4/75), devido aos factores humanos, tornou -se quase impossível encontrar vestígios de *dhaka* ainda intactos. Porém, as fontes relatam que há presença de um depósito fluvial de argila, ocorrência de vestígios de fragmentos de loiça, evidências osteológicas e outros objectos, sobretudo, grânulos (minerais muito minúsculos). Foram também encontradas espalhadas à superfície ferramentas de pedra, algumas delas pertencentes à indústria Achaulense (Duarte 1976, Morais 1987; Meneses 1999).

Moguro

A estação arqueológica de Moguro encontra-se localizada numa colina e dista cerca de 5 km do Rio dos Elefantes (23° 53' 52.7" S 32° 11' 16.7" E). Abaixo da colina há um campo cultivado e aparecem na superfície cacos de cerâmica. A cerâmica recolhida nesta estação apresenta a seguinte decoração: estampas de pente e linhas de incisões em bandas diagonais. Quanto à forma da cerâmica, apresenta: tigelas esféricas com fundo e borda redondos; tigelas sem aro e com forma ligeiramente vertical; tigela com lábios em forma de quadrado e vertical (Macamo & Risberg 2007:67).

Tabela 2. Cerâmica da estação arqueológica de Moguro (por Macamo e Machava 2011)

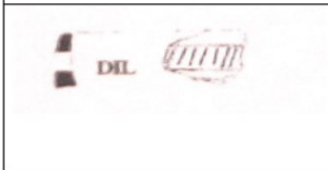
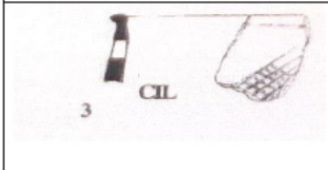

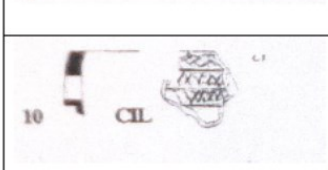
| Cerâmica | Decoração | Forma |
|---|---|---|
|  | Pontos em painel formando linhas verticais. | Tigela com perfil invertido com lábios em forma cónica |
|  | Pontos formando dois painéis com linhas diagonais | Tigela com perfil vertical e lábios em forma de quadrado. |
|  | Pontos de incisão estampados, formando quadrados | Tigelas esféricas com fundo e borda redonda |
|  | Incisões em bandas diagonais | Tigela sem lábios e com forma ligeiramente vertical |

Marenguele

Localiza-se em frente ao Rio dos Elefantes, com as seguintes coordenadas geográficas: 23° 54' 05.8" S 32° 15' 26.2" E. Na estação há uma estrada, evidenciando a destruição directa do material devido aos factores humanos. Quanto à decoração da cerâmica, a estação apresenta:

linhas de incisões cruzadas; incisões com espinhas de peixe e linhas de incisão em diagonal. Quanto à forma, a cerâmica de Marrenguele apresenta: lábios cónicos e pescoço revirado; lábios redondos e pescoço vertical; pescoço revirado e borda achatada; tigela funda com borda redonda; lábios em forma de quadrado e forma cilíndrica; lábios com forma cónica e forma invertida; lábios em forma de quadrado e forma arrebitada; potes em forma de saco e lábios com forma redonda; lábios com forma redonda e arrebitada; tigela esférica e borda achatada (ibidem : 67- 68).

Tabela 3. Cerâmica da estação arqueológica de Marrenguele (por Macamo & Machava 2011)



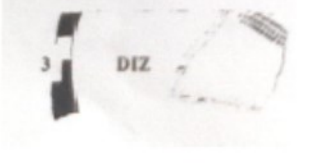
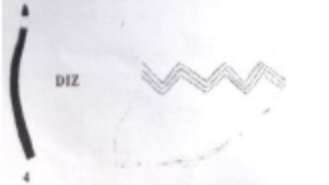
| Cerâmica | Decoração | Forma |
|--|------------------------------|--|
|  DIL | Incisões em linhas diagonais | Pescoço revirado e borda achatada |
|  3 CIL | Incisões em linhas cruzadas | Lábios cónicos e pescoço revirado |
|  8 CIL | Incisões em linhas cruzadas | Pote em forma de saco e lábios com forma redonda |
|  10 CIL | Incisões em linhas cruzadas | Tigela esférica e borda achatada |

Chinhangane

A estação arqueológica de *Chinhangane* foi descoberta através de relatos orais sobre a presença *Nguni* no local, pelos estudantes do curso de história, Benedito Machava e Joaquim Mapossa, que faziam parte da expedição arqueológica dirigida por Solange Macamo, no âmbito do referido Projecto AAN- African Archaeology Network.. A estação fica localizada a 600 m do Rio dos

Elefantes, com as seguintes coordenadas geográficas: 23° 54' 25.8" S 32° 17' 15.8" E. Quanto aos motivos decorativos da cerâmica, a estação arqueológica de Chinchangane apresenta impressões de pontos em zigzag e linhas de incisão. Quanto à forma, apresenta lábios com forma quadrada e pescoço revirado; lábios com forma quadrada e pescoço arrebitado, tigela esférica e lábios com forma quadrada, redonda e invertida (Ibidem : 70).

Tabela 4. Cerâmica da estação arqueológica de Chinchangane (por Macamo e Machava 2011)





| Cerâmica | Decoração | Forma |
|---|---|--|
|  | Linhas em incisão | Lábios com forma quadrada e pescoço revirado |
|  | Incisões com motivos de espinha de peixe | Lábios com forma quadrada e pescoço arrebitado |
|  | Incisões em pontos formando linhas Zigzag | Tigela esférica e lábios com forma quadrada |
|  | Incisões em pontos formando linhas Zigzag | Forma invertida e lábios arredondados |

Nhancherwane

A estação arqueológica de *Nhancherwane* encontra-se localizada a leste da aldeia de Marrenguele, com as seguintes coordenadas geográficas: 23° 55' 03.2" S 03.2° 15' 36.4" E e espalha-se num área agrícola do sector privado. A estação expõe um número considerável de material à superfície, incluindo cerâmica decorada e vestígios de *dhaka*. Quanto à decoração da

cerâmica recolhida nesta estação, apresenta: incisões em bandas diagonais; estampas de concha com faixas diagonais; estampas de pente num painel; incisões com motivos de espinha de peixe; linhas de incisão cruzadas; linhas de incisão em forma diagonal. Quanto à forma, a cerâmica identificada em Nhancherwane apresenta: lábios em forma de quadrado e pescoço inclinado; lábios em forma de quadrado e pescoço vertical; tigela esférica e borda achatada; lábios em forma de quadrado e invertida; lábios com forma redonda; pote sub-esférico; lábios com formato coniforme e pescoço vertical; lábios com formato quadrado e forma revirada (Ibidem:80).

Tabela 5. Cerâmica da estação arqueológica de Nhancherwane (por Macamo e Machava 2011)

| Cerâmica | Decoração | Forma |
|---|--|--|
|  <p>2</p> | Estampa de concha em faixas diagonais | Lábios em forma de quadrado e pescoço vertical |
|  <p>3</p> | Incisões em bandas diagonais | Lábios em forma de quadrado e pescoço inclinado |
|  <p>5</p> | Incisões com motivos de espinha de peixe | Lábios em forma de quadrado e forma invertida |
|  <p>18</p> | Linha de incisões cruzadas | Lábios com forma redonda e provavelmente pote sub-esférica |

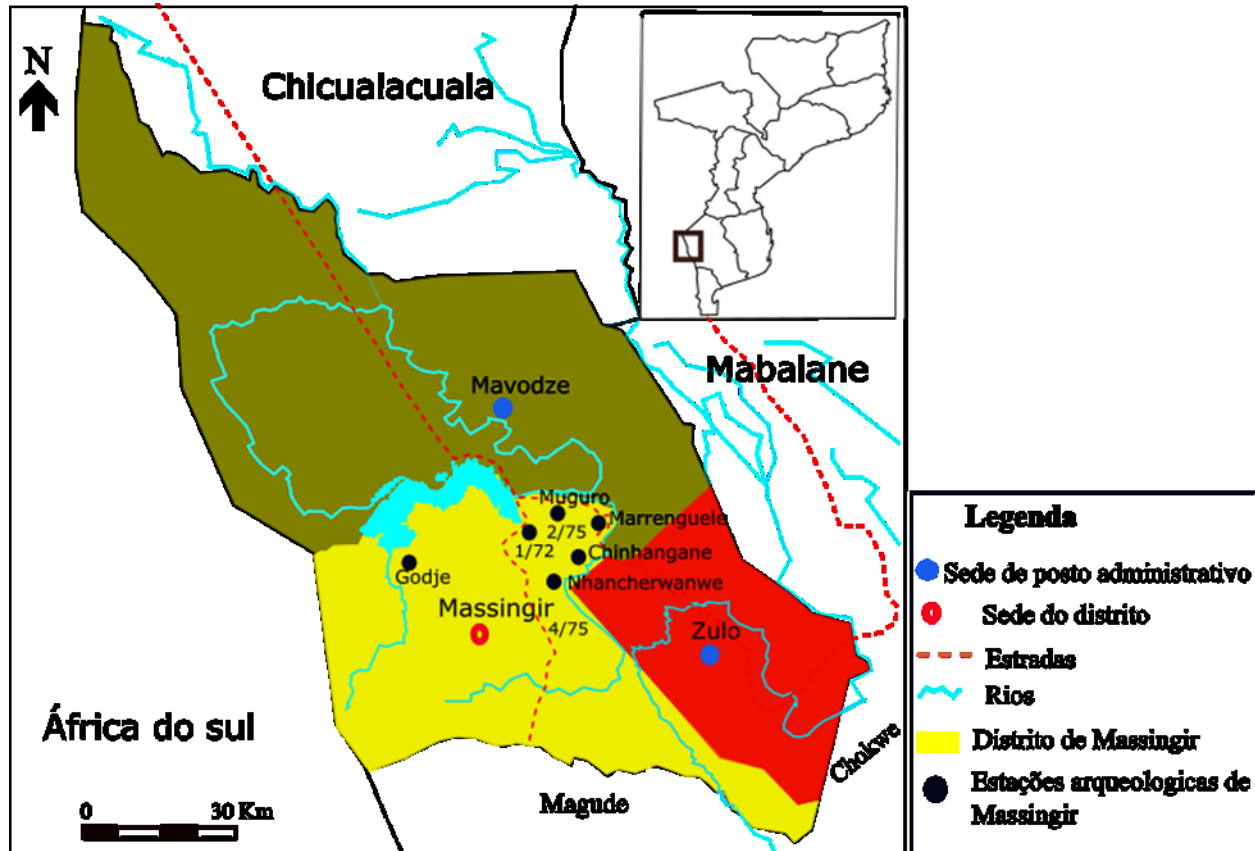


Figura 2. Mapa da localização das estações arqueológicas de Massingir mencionadas no texto (adaptado de Macamo & Machava 2011)

Citando Macamo & Machava (2011), novamente, a análise da cerâmica foi baseada no procedimento comparativo, método este aplicado no núcleo das estações de Massingir, por eles realizado, inspirando-se em Sinclair e Morais (citados por Macamo & Machava 2011). O método permitiu-lhes revelar que há uma homogeneidade entre as estações de *Nhancherwane* e *Moguro* (Macamo & Machava 2011: 4-6). As pesquisas feitas nas estações arqueológicas de *Marrenquela*, *Nhancherwane*, *Moguro* e *Chinhangane* revelaram ainda que a análise da cerâmica destas estações arqueológicas remonta desde a fase de transição do primeiro ao segundo milénio AD (Macamo & Machava 2011: 2-3), facto que tenho estado a justificar neste trabalho.

4.2. Evidências arqueológicas da Transição do I ao II milênio AD

4.2.1. Cerâmica

Os vestígios de cerâmica encontrados durante as escavações em Massingir mostraram semelhanças com os de Mapumbubwe, conforme relatado por Solange Macamo, citando Alinah Sigobye em comunicação pessoal (Muchanga 2015:38). Esta argumentação sugere que as duas estações tinham uma origem comum (Macamo 2006 : 96). De referir que, a fase da transição do primeiro ao segundo milênio nas estações arqueológicas de Massingir é datada do século X AD, e foi caracterizada pela prática da pastorícia em grande escala, menos as construções dos amuralhados, como em Mapungubwe. De acordo com Morais (1988) as estações de Massingir são consideradas uma manifestação tardia da tradição Lydenburg relacionada com o período de transição do I ao II milênio AD, sendo esta a face ocidental da tradição Matola (Solange Macamo, 2004, citando Paul Sinclair, comunicação pessoal com Sinclair)

Nas estações (1/72 e 2/75), foram recolhidos vestígios de cerâmica com as seguintes características: vasos globulares, pouco extrovertidos na borda e tigelas esféricas com linhas rectas na borda: Pelas suas características, supõe-se que esta cerâmica possa pertencer à tradição Palaborwa, localizada no interior da RSA. Os potes com borda grande e tigelas com base redonda e aberta, e borda com lábios extrovertidos pertencem à tradição Harmony. Apesar de haver homogeneidade na cerâmica identificada em ambas estações, a cerâmica com bacia carenada encontrada na estação 2/75, não foi identificada em Harmony, conforme narra Muchanga (2015), citando Duarte (1976). A estação 4/75 evidenciou a existência de pratos com largura pequena e potes de lábios rectos.

De acordo com Machava (2007), as pesquisas feitas no complexo arqueológico de Massingir em particular as estações estudadas por Solange Macamo (2006), nomeadamente: *Moguro, Marrenguele, Chinhangane e Nhancherwane* trouxeram um novo dado obtido através das pequenas amostras de cerâmica observadas na estação de Chinhangane, que por meio destas, foi sugerido que esta estação representa um exemplo da tradição Matola, no Vale dos rios. Esta nova evidência encontrada em Massingir, lidera uma discussão sobre os movimentos populacionais para o enriquecimento da nossa compreensão acerca dos antigos povoados Tsongas, no sul de Moçambique (Machava 2007).

Conforme escrevem Macamo & Machava (2011) nas estações de *Nhancherwane e Moguro* verificou-se uma homogeneidade no que diz respeito ao tipo de cerâmica encontrada, sendo que, a cerâmica predominante em ambas estações consiste em vasos com gargalo apertado e estreito (*narrow neck*), estampas de conchas com bandas oblíquas e linhas paralelas com losangos, cacos com gargalo invertido fino e tigelas. Importa salientar que, nas duas estações a cerâmica apresenta motivos geométricos paralelos e losangos.

Ainda conforme Macamo & Machava (2011), a presença deste tipo de cerâmica leva-nos a inferir o seguinte:

1. Teria havido uma dispersão de populações na região, que, por sua vez, teriam fabricado a cerâmica;
2. Pode tratar-se de cerâmica de fabrico local dos Caçadores, uma vez que, a caça dos elefantes contribuiu de uma forma significativa para a dispersão dos outros povos oriundos de vários pontos em busca do marfim na região de Massingir e;
3. Ou pode ter sido fabricada pelas Comunidades de Agricultores e Pastores. Estas, por sua vez, teriam adoptado novas técnicas de fabrico de cerâmica, que eram diferentes das habituais.

4.2.2. Criação de gado

Conforme descrito por Mapossa (2005), as escavações efectuadas por Macamo em 2006, nas estações de Moguro, Chinhangane, Nhacherwane e Marrenguele revelaram a presença de vestígios osteológicos e estrume que comprovam a criação de gado em Massingir (Mapossa 2005: 10). Anteriormente, Duarte identificou os mesmos vestígios na estação 1/72 aquando da realização dos trabalhos de arqueologia de salvaguarda (Duarte 1988:61).

4.2.3. Missangas

Mapossa (2005, citando Duarte 1976), relata que no núcleo das estações arqueológicas de Massingir, identificou-se uma considerável quantidade de missangas, sendo que as análises efectuadas permitem concluir que são importadas, havendo outras de fabrico local. Das missangas importadas destacam-se as de cobre, que provavelmente têm a sua origem em *Phalaborwa* e as de vidro com origem Asiática.. Das missangas locais, foram identificadas como matéria-prima, o ovo de avestruz, conchas de mexilhão e ainda a pedra.

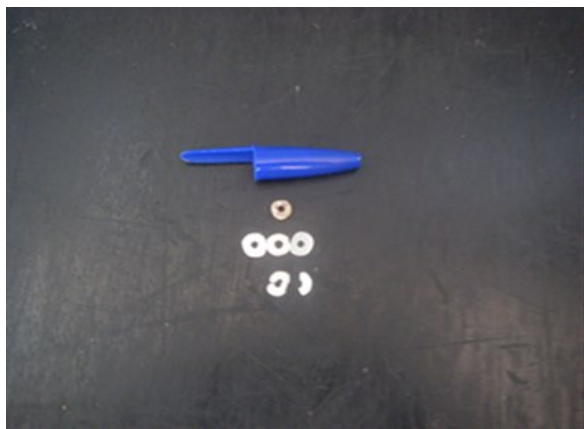


Figura 3. Missangas de ovo de avestruz/conchas (Mapossa 2005)

4.2.4. Conchas marinhas

As conchas marinhas são definidas como órgãos duros, de formação calcária, presentes na parte externa do corpo dos moluscos e possuem a função de garantir a protecção do corpo destes animais. Por conseguinte, a presença destes vestígios na estação arqueológica de Massingir, é um comprovativo de que estas comunidades não só viviam da agricultura e pastorícia, como também se abasteciam de ostras e mexilhões da costa do Índico, que também faziam parte da sua dieta alimentar.

4.2.5. Breve discussão

No geral, o período da transição ilustra o desenvolvimento de construções de amuralhados, em que aparecem aldeias semi-permanentes ou permanentes, com habitações redondas, construídas de paus cobertos de *dhaka*, com a prática da agricultura de cereais e utilização dos respectivos instrumentos de trabalho, existência de celeiros para o armazenamento de cereias, trabalho de metais (ferro, cobre, ouro) e, principalmente, o fabrico de olaria, conforme descrevem Macamo & Machava (2011: 8) e Cruz e Silva (1978: 2). Contudo, em Massingir, até aqui, nunca foram encontradas evidências de amuralhados, para melhor esclarecimento sobre as origens urbanas (Solange Macamo, comunicação pessoal).

De acordo com Mapossa (2005), durante os trabalhos de salvaguarda na estação arqueológica de Massingir, realizados pelo arqueólogo Ricardo Texeira Duarte, foi possível recuperar artefactos e evidências que testemunham que Moçambique manteve contacto com os outros povos através

das trocas comerciais internacionais, dentre os quais, destaca-se a porcelana (Ibidem). Porém, este aspecto precisa de mais investigação, conforme Solange Macamo (comunicação pessoal).

CAPÍTULO V. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO TRABALHO REALIZADO NO CAMPO SOBRE O PAPEL DO GADO NA SOCIEDADE.

Neste capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa sobre o papel desempenhado pelo gado na sociedade. As fontes orais foram indispensáveis na interpretação do papel do gado na sociedade. Para o efeito, foi necessária a realização de entrevistas aos anciãos e criadores de gado bovino do Distrito de Mandlakaze, na localidade de Maphandane, na Província de Gaza. Como forma de aprofundamento do assunto em análise, tive ainda, a oportunidade de conversar com alguns anciãos naturais da Província de Cabo Delgado, estando atualmente a residir na cidade de Maputo. Esta análise, foi, posteriormente, comprovada, com recurso ao método etno-arqueológico usado por Thomas Huffman (1996) para esclarecer a mesma problemática, em termos do consumo da carne de bovinos, seguindo os parâmetros previamente existentes na sociedade. Similarmente, foram usados diversos autores, para interpretação do significado sócio-económico, político e cultural do papel do gado na sociedade moçambicana. Por fim, faz-se uma tentativa de análise arqueológica dos vestígios osteológicos, como base num modelo bibliográfico (Veja o anexo na Página 37).

5.1. O papel do gado na sociedade

5.1.1. O papel sócio-económico e político

Na sociedade moçambicana, o gado desempenha um papel fundamental para a economia da maior parte da população, tanto aquela que reside no campo assim como para a população urbana. Geralmente, as populações do campo e com nível académico relativamente básico usam o gado como principal fonte de renda através do comércio do mesmo, contribuindo desta forma, para a melhoria das condições económicas destas famílias (Cháuque 2021, comunicação pessoal).

De acordo com a mesma fonte, o gado é comercializado em muitos estabelecimentos e grandes mercados reconhecidamente formais para servir de carne de consumo para várias famílias, contribuindo deste modo, na economia local e nacional.

De acordo com Junod (1996), o gado era considerado como fonte primordial de riqueza em muitas sociedades da África Austral e era utilizado como moeda de troca nas sociedades capitalistas. O mesmo autor, salienta que, o gado bovino não é criado para este fim apenas, como também, faz parte da dieta alimentar de várias famílias.

Na agricultura, desempenha um papel fundamental, uma vez que, na falta de tractor ajuda no cultivo e na sementeira das culturas. Segundo as fontes entrevistadas, há maior produção quando o lançamento das sementeiras é feito com a ajuda da tracção animal. Na falta de um burro, serve também, como meio de transporte, isto é, transportando os produtos da machamba para casa. Das pesquisas feitas, constatou-se que o gado bovino contribui com cerca de 70% na dieta da população, pois, o mesmo não só fornece a carne mas também o leite e o queijo consumidos em todo o mundo (Mussenganyane 2021, comunicação pessoal).

Apesar de ser a carne mais consumida pela maior parte da população mundial, existem algumas restrições no consumo da mesma em particular na província de Gaza. Por exemplo, há algumas partes do bovino que as mulheres não podem comer que somente o *mulumuzana* ou *b'va wa munti* (chefe de família ou homem da casa) e os *madodas* (os ancião da comunidade) podem comer. É o caso de os chamados *swiwoso* constituídos por: *Tiyisso* (Rins), *Mavele* (Tétas), *Mbilo* (Coração) *os Malukulho* (Escrotos), *Xivindzi* (Fígado), *nlhoko* (Cabeça) *Ubende* (Sangue cozinhado após ser retirado durante o abate do animal), *Maphapho* (Pulmões), *Uthlopo* (Miolos), *Lusso e Marhumbu* (Dobrada e as tripas) (Maria Mubalo, comunicação pessoal). Questionada do porquê das mulheres não comerem essas partes, a dona Maria de 65 anos, *sungukati* da localidade respondeu-nos: *swa yila* (é proibido) nascemos e encontramos essa tradição, por exemplo, no caso de *Tiyiso* e *Xivindzi se a Nkosikazi* (esposa) *quiser comé-los, primeiro deve servir o mulumuzana (chefe da família ou homem da casa) e depois ajoelhar-se pedir permissão ao seu mulumuzana, como forma de demonstrar respeito e submissão pelo mesmo, este por sua vez, deve levantar--se- para servi-la. Caso o faça sem a permissão do mulumuzana, esta poderá sofrer algumas represálias*. Para além desta tradição, existe outra que consiste em privilegiar o *mulumuzana*, que é o direito de comer a maior quantidade e as melhores partes da carne, a seguir a *nkossikazi* e por fim os *Vatsongwana* e nalguns casos, estes, não têm o direito de comer carne senão, o caldo do caril principalmente, no período da noite.

No entanto, algumas pesquisas científicas, como é o caso de *National Geographic*, tem um posicionamento diferente da tradição oral, em uma das suas reportagens, relata-se que as partes acima mencionadas, são as que mais tem vitaminas por essa razão, devem ser consumidas pelos homens pois, estes, precisam de força para exercer várias actividades do quotidiano e as partes internas do animal proporciona estes elementos. É importante, aqui, referir que, mesmo que as investigações científicas tenham trazido um posicionamento diferente deste, os valores culturais de um povo não podem ser ignorados, todavia, os conhecimentos baseados na ciência são relevantes para levantar debates e discussões para um determinado assunto. Portanto, para se obter um estudo sólido e uma conclusão concisa, este estudo, carece de mais aprofundamento.

Há um relato que diz que dentro da carne de vaca existem duas partes que nem o *mulumuza* e nem os *madodas* devem comer pois estas, são exclusivamente para *Va ntukulos* (os netos) e a outra para o *Mulusi* (Pastor e cuidador do gado). Destacam-se: *Khondzo ou Xiwuno* (Dorso ou região sacral) e *Livengwa* (pâncreas) (Maussane 2021, comunicação pessoal), o meu entrevistado despertou a minha curiosidade ao proferir estas palavras, em tom de risos e descontração, pelo que foi questionado do porquê desses privilégios aos *Va ntukulo* e o *mulusi*. Ele, prontamente, respondeu-me: *Swa Ntumbuluku wa hina* (são questões culturais e tradicionais da nossa sociedade) todavia, os *va ntukulo* têm este direito na casa dos avós maternos. Sendo que, os mesmos é que devem pegar o animal e caso este, coloque-se em fuga eles devem persegui-lo, acompanhados de uma pequena pancada que em língua local designa-se (*Ku Lahela*), dada pelo avô ou pela avó para que estes possam passar a “arrancar os frutos” sem restrições e passarem a comer *khondzo* em todas as cerimónias e ocasiões principalmente nas cerimónias de *Ti Mhamba* (missas). Quanto à *livengwa*, também, “é uma questão de hábitos e costumes da nossa sociedade, pois, o *mullusi* sente-se mais valorizado, respeitado e acima de tudo honrado”. Caso este, não lhe for servido esta parte da carne, poderá frustrar-se e deixar o gado remanescente com o seu dono o chamado (*ku Tsukula, na designação local*) por este, se sentir menos importante e por ter sido desenhonrado pelo seu patrão. O mesmo só poderá voltar a assumir o gado se o patrão tiver a humildade de lhe pedir perdão pelo ocorrido. Sob o ponto de vista político, a referida fonte afirma que, o gado sempre foi visto e considerado como símbolo de poder na sociedade.

5.1.2. O papel sócio-cultural

O gado é considerado um bem cultural cujo hábito de criar e guardar passa de geração em geração. Em algumas comunidades moçambicanas, mais especificamente, nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane e ainda uma parte do norte do País. O gado é usado em cerimónias tradicionais: Por exemplo, para o caso do norte do País, é usado nas cerimónias fúnebres (Biché Faque 2021, comunicação pessoal). No sul do País (principalmente Gaza e Maputo), o gado é usado como ferramenta preponderante para a concretização de casamento tradicional (*lobolo*) (Sique Dodi 2021, comunicação pessoal).

Na gíria popular do sul de Moçambique, costuma-se dizer que quem gera mulheres é um homem poderoso, pois, poderá arrecadar muitas cabeças de bovinos no processo de *lobolo*. Nesse sentido, o dote dos bovinos oferecido à família da pretendida compensa a sua saída, selando assim, oficialmente, a união conjugal de ambos. Ainda sobre o mesmo pensamento, o número de cabeças de gado para o efeito de *lobolo* varia de família para família e da condição social da pretendida (Massangulo 2021, comunicação pessoal).

Para alguns autores como Kuper (1982), considera a oferta de gado como dote para o efeito do *lobolo* um acto de trocar mulher pelo gado que consiste em duas regras principais: a transferência do gado para a família da noiva e a segunda regra enaltece os direitos maritais da esposa para com a família do marido, incluindo os direitos sobre os filhos.

De acordo com Rita Ferreira (1975), o gado oferecido à família da noiva deve pertencer ao irmão mais novo da família para que este, possa *lobolar* uma esposa, que na opinião do autor, trata-se de troca de favores entres ambas as famílias.

Junod (1996) e Lévi-Strauss (2009), partilham da mesma opinião contrariando deste modo, o pensamento de Rita Ferreira e de Kuper, considerando este acto, um reinvestimento e não um pagamento e nem de troca de mulher pelo gado. Pese embora, estes não compartilham dos mesmos ideais, contudo, reconhecem que o gado oferecido à família da pretendida poderá ser reutilizado para *lobolar* uma esposa para o irmão ou primo da mulher. Ainda sobre o pensamento dos mesmos autores, o gado é o intermediário essencial de todas as relações rituais entre os grupos humanos.

Segundo Ábia Languana (2021), em comunicação pessoal, o gado para o *lobolo*, sempre foi acompanhado por algum valor monetário simbólico, o mesmo variando de região para região. Por exemplo, em Chokwe, na Província de Gaza, varia de 5.000-35.000 Meticais e tem como significado o agradecimento aos *tinguluve* (antepassados) da pretendida através do acto de *Ku Phalha* (comunicar aos antepassados sobre a sua saída de casa para outra família para que os mesmos possam protegê-la, dando-lhe sorte no lar e garantir a sua fertilidade). A mesma opinião é partilhada pelo Vovô Ndzakeni. Este ainda foi mais a fundo da questão, dizendo que o dinheiro que acompanha a vaca para além de ser usado para *ku palha* os *Va Kokwana* maternos (avôs) têm o direito à uma parte do mesmo dinheiro que os *Ti Ndonta chamam de Mpondo ya Xissingo*.

Todavia, com a introdução de valores monetários do dote como forma de agradecimento à família da pretendida, no processo de casamento tradicional (*lobolo*), por esta tê-la criado e educado, a prática do uso do gado para o efeito foi perdendo o valor e desaparecendo com o passar do tempo, quando este, podia ser salvaguardado e transmitido às gerações futuras. Acredita-se ainda que, caso a mesma não seja salvaguardada poderá ser esquecida (Djodjo Mathe 2021, comunicação pessoal).

5.1.3. Reconstituição do gado bovino

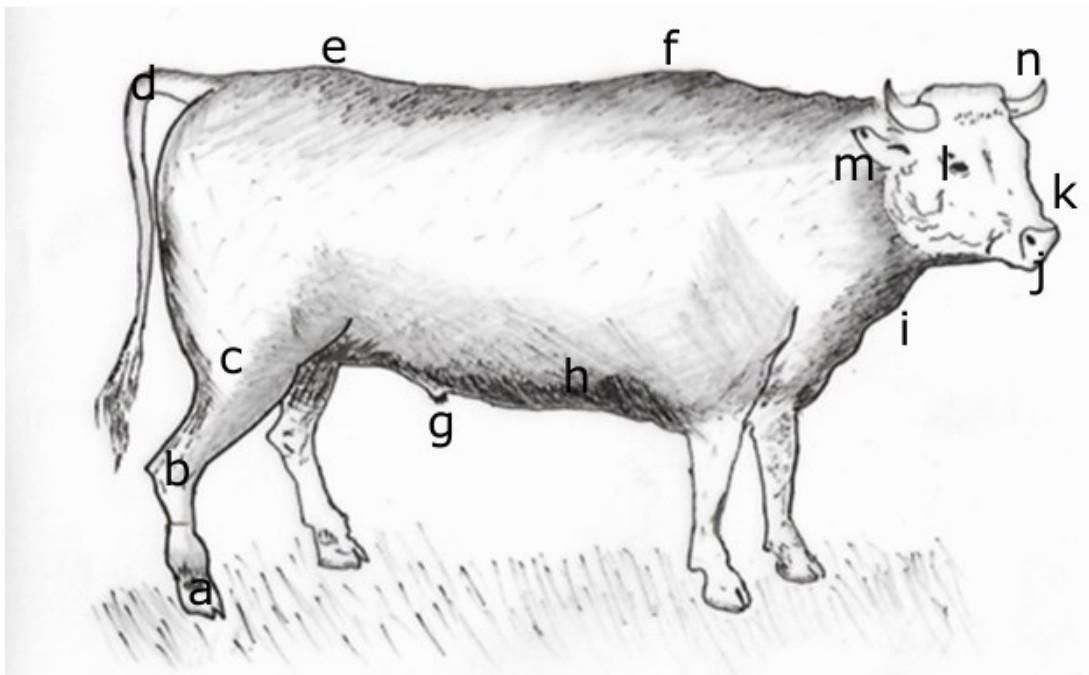


Figura 4. Reconstituição de um bovino, de acordo com o modelo de Thomas Huffman 1996, (Desenho: Hamido Atuia 2021).

Tabela 6. Nomenclatura de cada parte que constitui o bovino de acordo com Muthobene (2021 comunicação pessoal)

| | |
|---------------------------------------|------------------------------------|
| a) Sokisso (cascos) | b) Ntlina (canela) |
| c) Thanga (Cocha) | d) Ntxila (Cauda) |
| e) Khondzo (Garrupa ou região sacral) | f) Nlhana (Dorso ou região lombar) |
| g) Malukulho (óstio prepucial) | h) Khwiri (Pansa) |
| i) Xifuva (Peito) | j) Nomo (Boca) |
| k) Nhompfu (Narina) | l) Tilho (Olho) |
| m) Ndlheve (Aurícula da Orelha) | n) Timondzo (Cornos) |

A tabela foi feita com base no Dicionário de Xichangana de Bento Siteo publicado em 1996; Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas, de Armindo Ngunga (edição 2000); Ideofones em Changana de autoria de Seth Langa, (sem ano da publicação) e o Atlas da anatomia dos bovinos (2006).

Tabela 7. Vocabulário dos termos usados em língua Tsonga

| Designação Local | Designação em língua Portuguesa |
|-------------------------|--|
| Livengwa | Pâncreas |
| Luso | Dobrada |
| Khondzo | Garrupa ou região Sacral |
| Ku Femba | Diagnosticar a presença de um espírito |
| Ku Lahela | Envocar os antepassados |
| Ku Phalha | Envocar os antepassados |
| Ku Tsukula | Abandonar ou deixar com ira e fúria. |
| Madoda | Anciãos da comunidade |
| Malukulho | Escrotos |
| Maphapho | Pulmões |

| | |
|--------------------|---|
| Marhumbu | Tripas |
| Mavele | Tetas |
| Mulussi | Pessoa que pascenta ou cuida do gado |
| Muluzana | Chefe de família ou homem da casa |
| Mbilo | Coração |
| Mpondo ya xi singo | Uma parte do dinheiro de <i>Lobolo</i> oferecido à família da mãe da pretendida |
| Nkossikazi | Esposa mais velha ou primeira esposa |
| Nlhoko | Cabeça |
| Ntumbuluku | Tradição |
| Ntxila | Cauda |
| Nyamussoro | Sacerdote, médium, advinha |
| Swa Yila | É Proibido |
| Ti Mhamba | Missas |
| Ti Mhondzo | Cornos/ chifres |
| Ti Ndotá | Padrinhos |
| Ti Nguluvi | Os ntepassados |
| Ti Nyanga | Curandeiros |
| Ti Yiso | Rins |
| Umbende | Sangue cozinhado após ser retirado do animal durante o abate. |
| Utlhopo | Miolos |
| Va ntukulo | Netos |
| Va Kokwani | Avôs |
| Va Tsongwana | Crianças |
| Xi Khumba | Pele |

O vocabulário dos temas em língua Tsonga, foi feito de acordo com o Dicionário de Xichangana de Bento Siteo publicado em 1996; Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da

Ortografia das Línguas Moçambicanas, de Armindo Ngunga (edição 2000) e Ideofones em Changana de autoria de Seth Langa, (sem ano da publicação).

5.2. Significado e funcionalidade de algumas partes do bovino

***Timondzo* (cornos)**

Os cornos do boi, para além da função de defesa para o próprio animal, servem de recordação sobre as cerimónias realizadas na família, e possui um valor económico. Podem ser usados para o fabrico de brincos, pulseiras, cordões e outros objectos de adorno que as mulheres usam para salientar a sua beleza (Malhathine 2021, comunicação pessoal).

***Ntxila* (cauda)**

Ntxila para os *Nyamussoros* (sacerdote adivinho feiticeiro, médium), este é um elemento indispensável, pois tem a função de auxílio para o acto de *Ku Femba* (Siteo, o nyamussoro da localidade de Maphandane, em comunicação pessoal. No glossário africano, *Ku Femba* significa exorcismo contra doenças e demónios procedentes de alguém, isto é, acto de diagnosticar a presença de espíritos maus por meio de farejamento até expulsá-los (Laranjeira 1995: 30).

***Xikhumba* (pele)**

O *Xikhumba* -após ser retirado é pregado numa árvore com cinza colocado sobre ele com o objectivo de secá-lo. A pele, depois de secar tem muitas funcionalidade tais como: o fabrico do *Xigubo* (bataque) que os *Tinyanga* (médicos tradicionais) usam para *ku Txayela Tingoma* (formação dos médicos tradicionais ou envocar os espíritos). O mesmo instrumento é usado para danças tradicionais e é usado também, por algumas seitas religiosas. Na falta de tapete para sala ou mesmo para o quarto pode ser usado para o efeito e serve de cesta de armazenamento dos *Mu Tundo*, existindo alguns *madodas* que o consomem (Musweyi 2021, comunicacao pessoal).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi abordado ao longo do trabalho, a estação arqueológica de Massingir datada do século X AD, apresenta as mais antigas evidências de criação de gado e do comércio no sul de Moçambique.

A ocorrência de vestígios de cerâmica, missangas e da criação de gado em grande escala das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores constitui um indicativo inequívoco de que a estação arqueológica de Massingir marca o período da transição do I ao II milénio AD, nesta região sul de Moçambique, no contexto da África Austral e Oriental.

De um modo geral, sabe-se que, o período da transição do I ao II milénio AD, na África Austral e Oriental, foi caracterizado pela prática de criação de gado em grande escala e do comércio à longa distância. Este processo, resultou na acumulação de riqueza por parte da aristocracia e consequentemente na formação dos primeiros Estados africanos na referida região. Em Massingir, não foram identificadas ainda evidências de estruturas de construções em pedra, todavia, os vestígios de *dhaka* ali encontrados podem evidenciar ter sido erguidas edificações em forma de palhota que se deterioraram ao longo do tempo. Contudo, o facto não testemunha a prova da existência de amuralhados de pedra.

Os resultados obtidos neste estudo basearam-se nas fontes escritas e orais. As fontes escritas foram determinantes do ponto de vista teórico para a interpretação do papel sócio-económico e cultural do gado nas comunidades da região Austral e Oriental mais especificamente no sul de Moçambique. Por sua vez, as fontes orais permitiram a compreensão do papel do gado na sociedade na sua componente económica e política, assim como sócio-cultural, cuja base consistiu nos relatos de alguns membros da comunidade do Distrito de Mandlhakaze, da localidade de Maphandane, previamente identificados.

No geral, constatou-se que, o gado desempenha um papel fundamental na sociedade moçambicana mais especificamente na região sul, com origens no século X, facto que também justifica a opção de “revolução do gado” por Martin Hall (1987). Do do ponto de vista económico, o gado é usado como fonte de rendimento e consumo para várias famílias. Na vertente política, o gado sempre foi visto como símbolo de poder na sociedade na medida em que o indivíduo que possui o maior número de gado bovino é tido como um homem poderoso.

Por último, na componente sócio-cultural, o gado desempenha um papel fundamental nas relações sociais das comunidades uma vez que, o mesmo é usado para a efectivação de casamentos tradicionais (*lobolo* - na região sul de Moçambique). No entanto, a prática do *lobolo* através do gado encontra-se actualmente ameaçada devido à introdução de valores monetários como dote para a efectivação do casamento tradicional. A não preservação desta prática, poderá levar ao seu esquecimento e os seus valores intangíveis perdidos.

Relativamente à pergunta de partida levantada neste estudo segundo a qual, até que ponto as evidências de criação de gado e do desenvolvimento do comércio podem contribuir para a compreensão do processo da transição do I ao II milénio AD, na região de Massingir?, aprez realçar os seguintes aspectos:

1. As evidências de criação de gado identificadas na estação arqueológica de Massingir designadamente ossos de animais e estrume mostram que nesta região do sul de Moçambique houve o hábito de guardar gado em grande escala, o qual permitiu a acumulação de riqueza por parte da elite.
2. As evidências do comércio nomeadamente: missangas de vidro, de cobre e a porcelana sugerem que em Massingir, registaram-se as manifestações do desenvolvimento do comércio regional e à longa distância através do oceano Índico, conforme foi relatado por Duarte (1976, 1988) e Macamo (2009). Os bens usados nas trocas comerciais permitiram igualmente a acumulação da riqueza, como prestígio para a elite.

Este todo processo anteriormente referenciado, marca o período da transição do I ao II milénio AD, na estação de Massingir datada do X AD. Refira-se que Massingir é uma das estações predecessoras de Mapungumbwe (XI AD) (Macamo 2006), por sua vez, tida como primeira capital Zimbabwe, ou não.

Os dados obtidos neste estudo, fornecem elementos que nos permitem compreender o papel desempenhado pelo gado e o comércio durante o período da transição do I ao II milénio AD, no Sul de Moçambique através da região de Massingir. Este trabalho contribuiu para o enriquecimento do debate em torno do processo da transição do I ao II milénio AD, na África Austral e Oriental.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adamowicz, L. 2003. *Geografia do Património Cultural de Moçambique* (Texto não publicado). Maputo: DAA/UEM

Chirikure, S; M. Manaynga; A. M. Pollard; F. Bandama; G. Mahachi, I. Pikirayi. 2014. Zimbabwe Culture before Mapungubwe: New evidence from Mapela Hill, South-western Zimbabwe. *Plos one* 9 (10): 1-18.

Costa, C. 2013. *Tafonomia em contexto pré-histórico: A zooarqueologia como recurso para a compreensão das “estruturas em negativo” da Pré-história Recente*, Volume II. Portugal: Universidade do Algarve.

Duarte, R.T. 1976. *Three Iron Age sites in Massingir area, Gaza Province, Mozambique and their importance in the Southern Mozambique Bantu settlement*. Maputo: Centro de Estudos Africanos, Secção de pré – História, IICM .

Duarte, R. T. 1988. Arqueologia da Idade do Ferro em Moçambique (1974 a 1988): (Retrospectiva do trabalho realizado). *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*,5: 60-1.

Garcia, Marta; Davis Simon; Pimenta Carlos .2000. Arqueologia: Estudo da Fauna no Passado. *Trabalhos de Arqueologia* Nº 29. *Laboratório de Arqueozoologia*.

Hall, M. 1987. *The changing past: Farmers, Kings and traders in southern Africa, 200-1860*. Cape Town: David Philip.

Huffman, T. N.1996. *Snakes & Crocodiles: power and symbolism in ancient Zimbabwe*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.

Junod, H..1996. *Usos e Costumes dos Bantu*. Maputo, Arquivo Histórico de Moçambique. Vol.I

Kuper, A. 1982. *Wives for cattle – Bridewealth and marriage in Southern Africa*. London ,Boston, Melbourne e Henley, Routledge & Kegan Paul.

Langa, D. (sem ano da publicação). Ideofones em Changana. Faculdade de Letras. Maputo.

Laranjeira, P. 1995. Leituras Africanas de expressão Portuguesa,Vol 64. Lisboa: Universidade Aberta.

Levi-Strauss, C. 2009. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis, Editora Vozes.

Macamo. S. L. 1995. *Os Antigos Povoamentos da Idade de Ferro Superior, no Planalto do Rio Limpopo e Shashi: Mapungubwe e Toutswe* (Trabalho não publicado). Maputo: DAA/UEM

- Macamo, S. L. 2003. *Dicionário de Arqueologia e Património Cultural de Moçambique* (Trabalho não publicado) Maputo: Ministério da Cultura e UNESCO.
- Macamo, S. L. 2004. *Olaria Antiga de Inhambane* (Texto não publicado). Maputo: DAA/UEM
- Macamo, S. 2006. *Privileged Places in South Central Mozambique: The Archaeology of Manyikeni, Niamara, Songo and Degue-Mufa* (Studies in African Archaeology 4). Maputo: Eduardo Mondlane University, Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History
- Macamo & Risberg. 2007. The Archaeology of Massingir, Gaza Province, Southern Mozambique. In: Gilbert Pwiti, Chantal Radimilahy and Felix Chami (eds.) *Settlements, Economies and Technology in the African past. Studies in the African Past*, 5: 67-82.
- Macamo, S. 2009. *Manual de Pré-história de Moçambique* (Trabalho não publicado). Maputo: UEM/ Departamento de História.
- Machava, B. 2007. Massingir na transição do primeiro ao segundo milénio AD e os estabelecimentos Tsonga: uma contribuição através da análise cerâmica. (Dissertação de Licenciatura não publicada). Maputo: UEM/ Departamento de História
- MAE. 2005. *Perfil do Distrito de Massingir*. Maputo: Ministério da Administração Estatal. www.maefp.gov.mz [Consultado em 20 de Fevereiro de 2021].
- Mapossa, J. 2005. *Mudanças nos Padrões de povoamento da Tradição Matola*. (Dissertação de Licenciatura não publicada) Maputo: UEM/Departamento de História
- Marciniak, A. 1999. Faunal materials and Interpretative Archaeology Epistemology reconsidered. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 6 (4), 293-320.
- Marciniak A. (2005a) “Social changes in the early European Neolithic. A taphonomy perspective”, O’connor, T. ed., Proceedings of the 9th Conference of the International Council of Archaeozoology, Durham, August 2002. Biosphere to Litosphere. New studies in vertebrate taphonomy, Oxbow Books.
- Meneses, M. P. G. 2002. Glossário de alguns conceitos e termos utilizados em Arqueologia. Maputo: DAA/ UEM.
- Muchanga, M.. 2015. *Contribuição para Aplicação da Legislação de Protecção do Património Arqueológico em Moçambique: O Caso de Massingir* (Dissertação de Licenciatura não publicada) Maputo: DAA/UEM.
- Ngunga, A. 1999. Restrições na Combinação e Ordem de Sufixos Verbais em Ciyao. In Folha Lingüística. Faculdade de Letras. Maputo (8-18).
- O’Connor, T. 2000. *The Archaeology of Animal Bones*. Texas: Texas A&M University Press.
- Reitz, E. J. & Wing, E. S. 1999. *Zooarchaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Silva, K. V. & Silva, M. H. 2006. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Universidade SP.

Sitoe, B & A. Ngunga (eds).2000. II Seminário Sobre A Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas. Editora Escolar, Maputo

Sitoe,B. 1996. Dicionário Changana – Português. INDE. Maputo

Anexos

5.2.2. Interpretação dos vestígios osteológicos do gado bovino nas pesquisas arqueológicas de campo

Os vestígios do gado bovino nos trabalhos de pesquisas arqueológicas têm sido confundidos com os outros animais por estes possuírem semelhanças com outros tipos de animais, então, como é que os arqueólogos podem interpretá-los?

A interpretação destes vestígios obedece a 3 critérios, tais como:

1. Morfologia

De acordo com Garcia, Davis e Pimenta (2000), a análise morfológica do animal permite-nos conhecer a dimensão do animal, o tipo de ossos e o tipo de dentes e a partir destes dados, é possível

distinguir as características de um animal do outro no trabalho de campo.

2. Tafonomia

Entende -se por tafonomia como um reconhecimento e caracterização das alterações presentes nos restos faunísticos que ajudam na identificação dos agentes e processos responsáveis pela sua acumulação. Entretanto, este critério está relacionado aos processos que afectaram os animais durante a sua integração e conservação no contexto arqueológico. Por isso, o trabalho arqueozoológico depende em grande medida do trabalho arqueológico desenvolvido no terreno duante a recuperação do material (Garcia et al .2000: 192).

3. Carácter sócio-cultural

O relacionamento do homem com os animais não só é manifestado nas marcas provenientes do manuseamento dos esqueletos (ossos queimados, com cortes ou incisões) mas também, na existência de vestígios que apontam uma possível relação afectiva por eles criada. Daí que é importante um estabelecimento das metodologias de recuperação dos restos osteológicos em diferentes cenários arqueológicos, como factor determinante para a realização e aprofundamento do seu estudo posterior, nesse sentido, sugere-se que não haja contacto entre arqueólogos e arqueozoólogos antes, durante e após as intervenções desenvolvidas no terreno (Ibidem).

Lyman (2001), defende que a interpretação das marcas de manipulação antrópica permitem-nos recolher elementos sobre as estratégias de exploração dos esqueletos, a reconstituição dos hábitos de consumo, a exploração de outros recursos (aproveitamento da pele, da gordura, a utilização dos ossos como combustível, como carga simbólica da espécie). A observação das marcas de corte constitui um meio privilegiado para a reconstituição do processamento de uma determinada carcaça. Ao observar a posição e orientação das marcas de corte num determinado osso elas poderão indicar três tipos de atividades: esfolamento, desarticulação e extração de filetes ou nacos de carne.

Por outro lado, alguns autores, como por exemplo, Costa (2013), defendem que, a distinção dos vestígios osteológicos no trabalho de campo depende muito da análise anatómica, taxonómica e tafonómica, por considerar estes itens como sendo cruciais na interpretação e identificação dos vestígios osteológicos dos animais no trabalho de campo.

Análise da Anatomia

Sendo a anatomia, um elemento fundamental e indispensável para o estudo das estruturas dos corpos incluídos no Reino Animal, ela permite-nos conhecer a forma, a disposição e a constituição do corpo dos animais, bem como desenvolver a capacidade de entender o seu funcionamento (Ellenport 1975).

Para (Liebich & König 1999), trata-se de uma ciência que estuda a arquitectura, forma, posição e actuação funcional conjunta das construções do corpo. Enquanto a anatomia preocupa-se em estudar as estruturas dos corpos dos seres vivos, a taxonomia, encarrega-se pela nomenclatura e descrição dos seres vivos.

O'Connor (2000), defende que o estudo sobre o uso dos animais não pode se limitar apenas para suprir necessidades nutricionais, mas também, que comportam um conjunto de práticas que traduzem a complexidade das sociedades humanas, ao nível social, económico e simbólico. No entanto, Marciniak (1999) e Reitz & Wing (1999), nas suas análises constataram que, um fragmento de osso, de dente ou de uma concha pode revelar gestos e acções específicos, tais como: a reutilização de elementos para confeccionar artefactos, para combustível ou, até, como reflexo do estatuto social de uma determinada espécie no âmbito de uma dada sociedade.

A tafonomia segundo Marciniak (2005a), estuda o impacto dos factores naturais e culturais no processo de formação de um determinado contexto arqueológico. Sendo um conceito importado da geologia, foi aplicado à zooarqueologia, de um modo geral, para constituir o estudo dos processos de preservação dos restos faunísticos, desde a morte do animal até à sua recuperação pelo arqueólogo, dando especial atenção à reconstituição dos processos que afectam as acumulações faunísticas originais.

O estudo tafonómico de um determinado depósito arqueológico em qualquer contexto arqueológico é especificamente aplicável para a identificação de determinadas actividades socialmente estruturadas, começando pelas diferentes estratégias de deposição de desperdícios até à distinção entre os factores naturais e culturais que participaram na formação do registo arqueológico, conforme relata Da Costa (2013), citando Cardoso (1996); Marciniak (2005a).